

O MASSACRE DE ALTO ALEGRE (1901): NUANCES DA MEMÓRIA TENETEHARA

THE ALTO ALEGRE MASSACRE (1901): NUANCES OF TENETEHARA MEMORY

Diacy Bone de Sousa 1

Josenildo de Jesus Pereira2

Resumo: Neste artigo, trata-se a respeito de perfis da relação entre padres e freiras capuchinhos e comunidades indígenas até o início do século XX, cujo desdobramento é conhecido no imaginário maranhense como o “massacre de Alto Alegre”, um evento ocorrido em 1901, na região que corresponde hoje ao território do município Jenipapo do Vieiras. Este evento envolveu diferentes sujeitos sociais e, por conseguinte, diferentes memórias e disputas de narrativas. Em vista disso, apresenta-se aqui a memória indígena, mas, sobretudo na perspectiva de descendentes do povo Tentehar, a partir da memória legada por seus ancestrais. Em termos metodológicos seguiu-se as orientações do campo da História Oral. Assim, ouviu-se relatos de depoentes indígenas com a idade entre 80 e 90 anos e de professores indígenas de escolas indígenas de Grajaú e Jenipapo dos Vieiras. A versão hegemônica relativa a este evento, até hoje, ainda é a que foi elaborada pela Igreja Católica e está fundamentada em estereótipos acerca dos indígenas Tentehar. Por isso, se compreende o quanto é necessário e importante que estes últimos também apresentem a sua versão. Assim sendo, o objetivo principal desta reflexão é contribuir com o processo de superação de preconceitos que envolvem a população indígena no imaginário social maranhense e, em particular, nesta região.

Palavras-chaves: Massacre de Alto Alegre-Ma. Memória. Tentehar

Abstract: In this article, it is about profiles of the relationship between priests and nuns Capuchinhos and indigenous communities until the beginning of the twentieth century, whose unfolding is known in the Maranhão imaginary as the “massacre of Alto Alegre”, an event occurred in 1901, in the region that corresponds today to the territory of the municipality Jenipapo do Vieiras. This event involved different social subjects and therefore generated different memories and narrative disputes. In view of this, the indigenous memory is presented here, but especially from the perspective of descendants of the Tentehar people, from the memory bequeathed by their ancestors. In methodological terms followed the guidelines of the field of Oral History. Thus, reports of indigenous deponents aged between 80 and 90 years and indigenous teachers of indigenous schools of Grajaú and Jenipapo dos Vieiras were heard. The hegemonic version of this event, to this day, is still the one that was elaborated by the Catholic Church and is based on stereotypes about the indigenous Tentehar. That is why we understand how necessary and important it is that the latter also present their version. Therefore, the main objective of this reflection is to contribute to the process of overcoming prejudices that involve the indigenous population in the social imaginary of Maranhão and, in particular, in this region.

Keywords: Massacre of Alto Alegre-Ma. Memory. Tentehar

1 - Professor licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão/PARFOR, atuando na Educação Básica do município de Grajaú-MA. ORCID: <http://orcid.org/0009000445544703>. Falta o Lattes. E-mail: diacybonesousa@gmail.com

2 - Professor Associado III do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação - História e Conexões Atlânticas, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5327-3879>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9341633651001873>. Email jj.pereira@ufma.br

Introdução

A representação dos povos indígenas no imaginário brasileiro carece de uma profunda revisão porque, ainda hoje, eles são objetos de escárnio, preconceito e discriminação negativa por parte de não indígenas. Com o propósito de contribuir para a superação deste quadro tomou-se por referência a monografia intitulada - **O MASSACRE DE ALTO ALEGRE (1901):** nuances da memória TENTEHAR, defendida por Diacy Bone de Sousa na *Programa de Ações Articuladas para a Formação de professores da Educação Básica* - PARFOR, para a obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão/UFMA, campus Grajaú, em 2019.

A historiografia acerca do episódio chamado “Massacre de Alto Alegre” ocorrido em 1901, em geral, não representa a voz do povo Tentehar. Por isso, se tem por objetivos documentar os fragmentos de sua memória a respeito deste episódio a partir da análise da relação entre este povo e os capuchinhos da missão *São José da Providência*, em Alto Alegre, que, à época integrava região de Barra do Corda, Estado do Maranhão; analisar este evento a partir da perspectiva Tentehar oportunizando para às novas gerações de não indígenas e indígenas do país; mas, sobretudo, do Maranhão, o conhecimento acerca da historicidade da aquele conflito com perdas para todos os envolvidos nele.

Com este propósito, este trabalho é de singular relevância porque enriquece a historiografia deste tema e, assim, pode contribuir para a superação de preconceitos e discriminação para com povos indígenas conforme os propósitos da lei 11.645/08 ao instituir a obrigatoriedade do estudo da História Indígena no sistema formal brasileiro de ensino da Educação Básica ao nível superior.

Não é demais sublinhar que antes da chegada de portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses no vasto território nomeado, por eles, de América já existiam diversas e diferentes civilizações nativas, quais foram objetos da ação colonial europeia com o propósito de lhes conquistar o território com as suas riquezas possíveis - *produtos extrativistas* nomeados de drogas do sertão e minerais como ouro e diamantes, ou fazê-lo gerar riqueza por meio da agricultura de exportação caracterizada por ciclos econômicos como os de: *arroz, algodão, cana-de-açúcar e café*. Para tanto, era preciso dominar os seus habitantes em sua dimensão física (o corpo) e cultural (a mente). Nesse processo se articularam as chamadas “guerras justas” organizadas contra os povos nativos e a ação missionária com o objetivo de os evangelizar.

Em relação ao Maranhão conforme, Pombo (1917), sublinha que os povos tupis eram os habitantes do extenso litoral maranhense. É provável que os Tentehar fizessem parte desses grupos. O referido autor salienta que o contato entre os tupis e os “brancos” ocorreu no final século XVI, em 1596, quando franceses chegaram no litoral, no local chamado de Guaxenduba, nas proximidades da Ilha de São Luís.

Nesse contexto, a Igreja Católica, por meio de suas diferentes ordens, em toda a extensão territorial das terras banhadas pelo oceano atlântico a oeste da Europa, desempenhou, como muita eficácia, a função de instituição mediadora, sobretudo, no plano social e cultural. Por isso, os protagonistas das ações missionárias reinventaram os povos nativos sob a síntese de que eram *gentios, primitivos e bárbaros*: enfim, *índios* que deviam ser, por isso mesmo, civilizados. Ainda que, paradoxalmente, pela barbárie porque a *bíblia, a cruz e a espada* foram os instrumentos fundamentais da ação civilizadora europeia nas colônias. o autor subscreve que:

[...] os canibais da terra firme e das ilhas cujas terras vão do Cabo de Santo Agostinho às proximidades do Maranhão, são os mais cruéis e desumanos de todos os povos americanos, não passando de uma canalha habituada a comer carne humana do mesmo jeito que comemos carne de carneiro, se não até mesmo com maior satisfação. (...) Não há fera dos desertos d’África ou d’Arábia que aprecie tão ardentemente o sangue humano quanto estes brutíssimos selvagens. (THEVET, 1978, P. 199)

Os povos indígenas sofreram perseguição e sua população reduzida sob a égide da necessidade de civilizá-los para inseri-los e alinhá-los nos moldes da cultura dos colonizadores europeus. Este propósito que se estende até hoje, na prática, não prosperou devido a resistência de povos indígenas. com forme cita o autor:

(...)Durante muito tempo, nos estudos sobre a História do Brasil, além das referências ao índio, apenas nos primeiros anos da colonização, predominou a visão sobre os povos nativos como vitimados pelos inúmeros massacres, extermínios e genocídios provocados pela invasão dos portugueses a partir de 1500, e que os poucos sobreviventes, estavam condenados ao desaparecimento engolidos pelo progresso, através da “aculturação”, integrando-se à nossa sociedade. Em geral, essas ideias que permanecem sendo ensinadas na maioria das escolas e mesmo nas universidades, ainda aparecem em muitos manuais didáticos, principalmente nos livros de História do Brasil, são também veiculadas pela mídia e expressadas pelo senso comum. Contrariando todas as previsões trágicas, os povos indígenas no Brasil ao longo dos 500 anos de colonização, não somente elaboraram diferentes estratégias de resistência/sobrevivência. (SILVA, 2003, P. 1)

Conforme sublinha, Kodama (2009, P. 244) “No Brasil, a religião Católica Apostólica Romana, com a fundação do Império brasileiro, foi tornada a oficial por meio da Constituição de 1824. Em 1843, por meio do Decreto de nº 285 de 21 de abril, os capuchinhos foram autorizados a catequizarem e civilizarem os indígenas no norte das províncias do Brasil”.

Mas, como toda ação provoca uma reação, os povos nativos, ao seu modo e segundo as circunstâncias do tempo, se manifestaram em defesa de si, da sua cultura e do seu território. Sob esta perspectiva defendemos a tese que o chamado “Massacre de Alto Alegre” foi uma das respostas do povo Tentehar à tentativa de torná-los submissos ao projeto colonial europeu por meio da colaboração da Igreja Católica ao implantar missões e escolas de suas ordens no território colonial.

Em termos metodológicos procedeu-se a revisão da literatura relativa a este episódio por ser parte integrante da história indígena no Maranhão. Mas, também, à coleta de fragmentos de memória de indígenas mais velhos da região de Grajaú e de Jenipapo dos Vieiras – Ma, com a idade entre 56 e 90 anos; de professores indígenas que se declararam ser descendentes de famílias que viveram o tempo histórico de ocorrência deste evento chamado de “Massacre de Alto Alegre, em 1901, para compor um quadro referencial de memórias acerca deste. Não é demais lembrar que a oralidade é uma das características do modo de ser indígena. Conforme Eclea Bosi (2004, p. 89) memória significa,

Lembrar, é uma manifestação livre do ser humano, não quer dizer vivenciar novamente o passado, é simplesmente comparar as experiências do passado com os dias atuais. Assim, torná-la viva um fato antigo presenciado que não é igual o momento em que estamos vivendo.

A primeira entrevista foi concedida no dia 15 de novembro de 2019, pela senhora Joana Bento de Sousa Lima Guajajara, idade 56 anos, residente na aldeia Morro Branco, Terra Indígena Morro Branco, professora bilíngüe, por muito tempo vinculada FUNAI, mas, atualmente, está exercendo a função de agente administrativo na Coordenação local na cidade de Grajaú-Ma.

O povo tentehar

Os Tentehar são descendentes de povos falantes da língua Tupi do tronco linguístico

Tupi-guarani denominada de ze'eteté, ou seja, a língua verdadeira. Por conta da missão cristã, eles aprenderam a falar, também, o português, como a segunda língua. Eles também são conhecidos por Guajajaras. No entanto, não se sabe ao certo quem os denominou assim. Segundo, Gomes (2002) a hipótese é que foram os Tupinambás. Em sua língua nativa, Tentehar significa *o ser verdadeiro* e Guajajara, na pronúncia tentehar (wazayzar) significa *os donos do cocar*.

Conforme Galvão e Wagley (1961), o contato entre o povo Tentehar e os *não índios* (karaiw) no Maranhão, ocorreu a partir de 1616, nas margens do rio Turiaçu. Mas, anterior a esta data, por volta de 1594, Pombo (1919), destaca que já havia a presença de aventureiros franceses situando moradia entre nativos com diferentes costumes e línguas no litoral maranhense. Afirma Renor (2010) que, os povos tentehar se estabeleceram por várias regiões ou municípios do Maranhão nas margens de rios desde seus deslocamentos do litoral por volta do final do século XVI.

No Maranhão, conforme o censo do IBGE de 2010, a população do povo Tentehar era de, aproximadamente, 23.949 mil pessoas. Segundo os dados da *Secretaria de Saúde Indígena/SESAI-MA*, a população aumentou para 27.000 mil pessoas (Departamento de Atendimento à Saúde Indígena no Estado do Maranhão/DASIMA - 2014). As suas aldeias estão instaladas nos seguintes municípios, conforme o quadro abaixo.

Aldeias (Terras) dos Tentehar	Municípios
Araribóia	Grajaú, Santa Luzia, Bom Jesus e Amarante
Bacurizinho	Grajaú
Cana-Brava e Lagoa Comprida	Jenipapo dos Vieira
Caru	Bom Jardim
Lagoa Comprida	Jenipapo dos Vieira
Morro Branco	Grajaú
Rio Pindaré	Bom Jardim, Monção
Rodeador	Barra do Corda
Urucu-Juruá	Itaipava do Grajaú

Fonte: *Secretaria de Saúde Indígena/SESAI-MA*.

O massacre de alto alegre: a gênese do conflito

Do período colonial à república, a perseguição aos indígenas foi o fundamento da política colonial levada a cabo com o propósito de “civilizá-los”. Em vista disso, conforme GOMES (2002) muitos fugiam e se dispersavam pelas matas das regiões do território ficando à mercê de fazendeiros, de comerciantes a despeito da existência dos diversos diretórios de aldeias.

No Maranhão, as colônias criadas desde 1854 tinham a função de atrair indígenas para aprenderem diversas habilidades profissionais e absorverem hábitos europeus. Mas, como bem sublinha Gomes (2002, p. 263),

[...] O governo não dispunha de recursos para gastar com índios e só fazia doações com a presença dos interessados, buscando sempre a fixação de uma relação pessoal que pudesse ser traduzida em lealdade. Desse modo, não deixava de exercer a função de “chefe” ao padronizá-los através da outorga de patentes militares. Com efeito, muitos índios, Tentehar e Timbira, prezavam os títulos de patentes militares que recebiam dos governadores do estado. Eram capitães, tenentes, majores e tenentes-coronéis nomeados para suas aldeias, patentes que ostentavam com orgulho, como mostrou Fróes de Abreu ao ver um desses velhos

documentos em 1928. A recepção que um governador ou um secretário de governo dava a um visitante índio o marcava com prestígio, o qual era utilizado na sua volta, sobretudo se trouxesse consigo brindes e presentes de algum valor.

No contexto da permanência de tais problemas foi preciso articular acordos com outros governadores que também passavam pela mesma dificuldade e, por fim, o consenso em convocarem novos agentes religiosos, dentre os quais os padres da *Ordem dos Capuchinhos da Lombardia-Italia*. Alguns deles chegaram em 1892 em Pernambuco. De lá vieram para São Luís e seguiram para Barra do Corda para a missão que cobriria, também, as terras do Grajaú.

Segundo Coelho (2002), padres capuchinhos se instalaram em Barra do Corda, a partir de 1895, e construíram um estabelecimento de ensino na cidade, especificamente, para as crianças indígenas. No entanto, mais tarde esse estabelecimento foi abandonado após adquirirem um terreno localizado mais próximo às aldeias para que pudessem atrair famílias indígenas para a *Missão São José da Providência*.

A viabilidade e a necessidade de construção de um aldeamento indígena refletem não apenas a presença indígena, como também a presença e os interesses de outros grupos em ocupar aquelas terras. Assim, esta é uma História que [...] envolveu grupos indígenas, agentes do governo, representantes da Igreja católica, colonizadores que viviam naquelas terras e sesmeiros que buscavam direitos e concessões de terras – uma relação pautada em um interesse comum e, portanto, conflitante: as terras. (MACHADO, 2012, P. 26-27)

Para que a catequese e a “civilização” desse certo GOMES (2002) salienta que os colonizadores que teriam que agir no sentido de desestruturar as sociedades e as culturas indígenas. Um dos pontos cardeais desse projeto está explicitado no livro de correspondência da missão do Alto Alegre, quando declara de suma importância “desmembrar as aldeias indígenas e reduzi-las a grupos familiares”. O sacramento do batismo não deveria ser ministrado a nenhum índio de quem “não se tivesse a garantia moral de que não mais viveria em sua aldeia”. O índio que fizesse parte da Missão do Alto Alegre, por viver nela ou em aldeias de sua autoconcedida jurisdição, e dela quisesse se ausentar teria que obter permissão dos frades. Caso contrário, ficaria sujeito ao devido castigo.¹

A compreensão de Gomes reforça o entendimento de Machado acerca da missão desta ordem religiosa objetivada por meio dos seus padres, ou seja, que ela pretendia destruir o povo tentehar de uma forma ou de outra em curto espaço de tempo. Para tanto, o território dos Tentehar localizado em Barra do Corda e em Grajaú, no ideal capuchinh deveria sofrer limitações, ou seja, diminuir as terras de Barra do Corda e Grajaú para que os indígenas desta região, uma vez emancipados, mestiçados e as suas culturas extintas todos passariam a usufruir da terra de modo igual porque não haveria mais índio e nem reserva.

Em 1901, muito antes do desmembramento do território de Barra do Corda para a criação do município Jenipapo dos Vieiras, neste lugar, ocorreu um sangrento episódio envolvendo lideranças do povo Tentehar e missionários católicos da ordem dos capuchinhos da *Missão São José da Providência*.

Conforme recorda o senhor Arão Azevedo Morão, apelidado de Tutinho, um antigo morador na cidade de Grajaú, hoje, com 96 anos de idade, proprietário de tropas de mulas (burros) cargueiros na época, fazia o transporte de pessoas que vinham de outras regiões para Grajaú. Ele recorda que passava por muitos aldeamentos no trecho ligava Grajaú a Barra do Corda, com destaque para os povos tentehar, os quais nele transitavam, livremente, e produzindo a sua vida material e simbólica.

A caça, tinha o objetivo de trazer a carne para o alimento e os ossos para afiação de

1 Livro de correspondência da missão do Alto Alegre.

flechas; os dentes dos animais caçados eram usados para a fabricação de colar que usavam ao pescoço; das aves extraíam as penas para confecção de cocais, braceletes e tangas. Eles faziam pequenas roças para produzir o cará (hiame), a macaxeira e a mandioca para fazerem farinha; plantavam milho, fumo (tabaco), abobora etc.

No entanto, na literatura produzida pelos colonizadores europeus, os povos nativos deste território são representados como “selvagens” conforme se lê nos termos do missionário Frei Bartolomeu, o qual diz,

[...] antes de constituir-se enquanto Vila, em 1855, Barra do Corda abrigava “selvagens” no estado devida brutal, entregue à dissolução, à crápula, à mais terrível lascívia; fatal prerrogativa da humanidade corrompida que desce abaixo do nível dos brutos privados de razão. Eles viviam num estado de *antinaturae*, antes que se elevassem, decaíam cada vez mais no embrutecimento, marca do pecado que não pode ser cancelado senão pela mão de Deus pelo ministério dos sacerdotes de sua santa religião. (Apud, SILVA, Edson Hely. In: <http://cadernodoceas.uccal.br>)

Estes argumentos sugerem que os Tentehar viviam numa situação de vida extremamente fora de padrões de um ser humano, como pessoas sem noção de mundo, comparados a animais silvestres, brutos, sem qualquer sentimento humano. Famintos, miseráveis, sem um tipo de prática de renda e, evidentemente, também viviam nus e mortos pelos camponeses sem dó, por serem considerados indigentes.

Os missionários designados para Barra do Corda estavam autorizados a se instalarem lá desde os anos finais de Governos Provinciais. Eles foram encaminhados pela Diocese de Pernambuco, por meio de um decreto Canônico de 12 de maio de 1894, o qual constituiu uma equipe composta por 12 sacerdotes e cinco freiras, chefiada pelo Frei Carlos de São Martinho de Olearo. Meses depois da construção do Instituto Indígena, os sacerdotes e as freiras deram início as visitas às aldeias. A cada visita eles traziam os *curumins* para morarem e estudarem no Instituto, na cidade de Barra do Corda. A idade dos mesmos era em torno 14 anos e o faziam porque, aparentemente, os seus pais não faziam objeções em entregá-los aos missionários para aprenderem coisas diferentes do seu costume. Mas, os *curumins* eram obrigados a cumprir regras severas, sujeitos a punições e proibidos a saírem do internato e até mesmo de ter contato com seus familiares. (GOMES, 2022).

Nos relatos colhidos de índios mais velhos, na contemporaneidade, da região de Grajaú e de Jenipapo dos Vieiras, eles contam de maneira surpreendente, a dolorosa covardia de tais reverendos, os quais nas suas missões ao contrario de pregarem a bondade e o amor ao próximo ou mensagens de ensinamentos de Jesus, praticavam torturas às crianças Tentehar. Coelho sublinha que os capuchinhos continuavam em Barra do Corda para levar a cabo os planos do governo provincial conforme se pode verificar nos termos do ofício abaixo discriminado,

[...] situar, civilizar e manter em tráficos morais os índios selvagens daqueles contornos... se algumas dessas Nações corresponder atrair só a da mente a fiel aliança com que forem tratadas, deve-se depois de esgotados os meios suaves, fazer-lhe Reconhecer pela seriedade da punição quanto devem respeitar o poder das nossas forças E como será proveitosa viverem na nossa aliança e aproveitarem-se fielmente dos subsídios com que eles procurarmos a sua felicidade de gozo daquela paz civil que não conheciam. Todos os índios que forem aprisionados nestas ações hostis deverão ser remetidos para a capital pois não poderá ficar um índio só com a mínima aparência de escravidão para que não entrem na isca destes infelizes e desconfiadíssimos

selvagens que pode caber na magnanimidade e benevolência de quem os socorre a vil proteção de os chamar cativeiros. (APUD. COELHO, 2002, P. 106)

Mas, nesse contexto, Coelho (2002, P. 106) salienta que “os capuchinhos não vieram no papel de funcionários das colônias, instaladas pelo Estado, mas buscaram instituir sua própria colônia, ser proprietários de terra.” O foco estava nas crianças, porque capturá-las e recrutá-las era a maneira mais fácil de atrair os seus pais para mais perto dos filhos e submetê-los a trabalhar nas lavouras de roça. Segundo a referida autora,

[...] os frades instituíram a colônia agrícola em Alto Alegre, da missão São José da Providência, com internato para crianças índias. A criação do internato devia-se à crença de que, para facilitar a cristalização dos índios, era melhor retirá-los do convívio com suas famílias (COELHO, 2002, 116)

Com esse propósito, Segundo Gomes (2002), o Instituto Indígena foi abandonado pela Missão Capuchinho, após comprar com o dinheiro doado pelo governo de estado, no valor de 5 contos réis, um sítio medindo 4.356 ha, que ficava perto de algumas aldeias Tentehar, que era propriedade do Senhor Raimundo Ferreira de Melo, (Raimundo Cearense). Em seus arredores havia em torno de 10 mil índios, cuja maioria era Tentehar. Esse contingente habitava nas proximidades do ambiente construído para educação dos índios (Alto Alegre), sem contar com os demais espalhados na mata da região. A princípio, como destaca Gomes (2002), os critérios de escolha dos indiozinhos para serem ensinados no internato seriam apenas de quatorze anos, mas, a audácia dos religiosos, foi mais além, as recém-nascidas também foram alvos dos sacerdotes.

A esse respeito Cruz (1982, pp 13-14), sublinha que se tratou de um “eloqüente trabalho de catequese dos silvícolas, sobrevivendo o propósito definido incorporar as recém-nascidas a doutrina cristã”. Por isso, ao contrário da ideia corrente de aceitação, as lideranças Tentehar se mobilizaram contra a maneira forçada como procediam os capuchinhos ao retirarem os seus familiares para a missão. Por isso houve o “massacre”. Enfim, uma reação Tentehar para expulsar os capuchinhos de suas terras, pois estes estavam retirando os filhos do colo das mães e lavando-os para a missão, só para depois, quando morriam, simplesmente os atirar no fundo de um poço, tal como salientam os indígenas os mais antigos da região. Eles destacam que esta versão não é comentada em todas as explicações literárias da causa da revolta tentehar contra os frades.

Conforme recordam, os frades e as freiras eram as pessoas responsáveis pela casa e estavam no lugar de pai e mãe para coordenar o ambiente. Da perspectiva da memória Tentehar, os caseiros e as babas que cuidavam da alimentação e do vestuário das crianças foram os que cometeram as torturas contra as crianças. Mas, a culpa de todos os tratamentos de atrocidades no internato, foi dos padres porque eles sabiam de tudo que acontecia naquele ambiente.

Nesse sentido não é demais apresentar alguns aspectos da disciplina no que se refere à rotina de atividades das crianças, no internato, exercidas de forma cronometrada assim,

[...] às 05h30min da manhã. Os estudantes devem levantar-se e lavar-se; às 06h00min assistia á missa e em seguida tomavam o café da manhã; as 7:00 iniciavam o trabalho, às 9:30 assistiam aula; às 11 :15 almoçavam e tinham tempo livre para recreação; às 13:00 voltam à aula; às 14:00 faziam uma refeição leve e voltam ao trabalho; às 17:30 regavam as plantas ou horta, limpavam e enchiam os recipientes de água; às 18:00 jantavam e descansavam; às 29:30 faziam a reza noturna e em seguida iam dormir. (COELHO, OP. Cit. P. 116)

Conforme CRUZ, (1982) a missão São José da Providência estava caminhando trabalhando intensamente implantando, também, escolas para as crianças não indígenas, ou seja, os filhos de colonos e proprietários abastados. Os padres estavam satisfeitos ou contentes com os resultados iniciais do trabalho de aprendizagem das crianças indígenas. Mas, uma insatisfação inesperada dos Tentehar estava por vir. Conforme destaca este autor,

[...] sem perceberem os frades que havia um movimento insurrecional em estágio embrionário, cuja desenvoltura dificilmente seria contida, já que aquele complexo de esforço de estruturação evangélica contrapunha-se a um princípio de antropologia cultural irremovível em que se inspira esse grupo tribal. E então, embaçadas as lentes de observação científica dos missionários peninsulares, emergiu aquela inconformação latente, surge a revolta liderada por Cauviré Imana, ou João Caboré, que ataca a povoação a 13 de março de 1901, este ordena a morte de todos os civilizados. Depois se embrenha nas matas, onde trava combates com forças policiais, índios aliados e colonos, sustentando por dois meses um dos mais sangrentos episódios de rebeldia no sertão maranhense. (CRUZ, Op. Cit., 1982, p. 19)

Neste contexto, se compreende que se tratou de uma revolta onde morreram pessoas de ambas as partes rivais, ocasionadas por choque de valores de culturas diferentes - de um lado a resistência e de outro lado a imposição forçada pelos dos capuchinhos. Segundo CRUZ (1982), morreram 400 “pessoas civilizadas” (brancos), mas, a hipótese está entre 200 a 400 mortos, dentre os quais 4 frades, 7 freiras, 1 missionário e uma (1) missionária. Enquanto números de índios mortos, com fome, Cruz, “o número de índios mortos em face da superioridade de armas, [...] os oficiais, Goiabeira e Manoel Gonçalves, matavam índios, querendo adquirir fama de valentes.”² Então, diante dessa abordagem compreendemos que não houve menor interesse de conferir índios mortos.

O confronto os Tentehar e as milícias durou mais ou menos três meses - a guerra findou com “a prisão de João Caboré e seus comparsas e a vinda de tropas de soldados de São Luis, enviados pelo governador, João Gualiberto Torreão da Costa”³

O massacre de alto alegre: os termos da memória tentehar.

A primeira entrevista foi concedida no dia 15 de novembro de 2019, pela senhora Joana Bento de Sousa Lima Guajajara, idade 56 anos, residente na aldeia Morro Branco, Terra Indígena Morro Branco, professora bilíngüe, por muito tempo vinculada FUNAI, mas, atualmente, está exercendo a função de agente administrativo na Coordenação local na cidade de Grajaú-Ma. Para ela foi perguntado o que lembrava a respeito da revolta do povo Tentehar, em Alto Alegre, onde mataram moradores deste lugar e, inclusive, padres e freiras?

A dona Joana Bento, sublinhou o seguinte - Bom! Sei contar um pouco. Como professora, eu tive que procurar saber por meio dos dos mais velhos, para contar para os meus alunos. Em seu relato ela sublinha que,

Então, foram os padres que vieram da Europa, para provocar nós, estávamos quietos na nossa mata, comendo nossos sapinhos, catando kamamuk nas capoeiras (canapum), comendo carne de alguns animais silvestres, tatu, veado, catitú, guariba e outros. Nós não passávamos fome não, a mata era farta de tudo, ainda tinha peixe. E aí, veio esse

2 Reportagem do Jornal “O Estado do Maranhão” - 13 de março de 2001 terça feira/ Site – www.brasil247.com-blo.há 118 –anos- maranhão – viveu-a-tragedia.

3 Id. Ibid.

povo, mensageiro de Deus, que fizeram uma confusão na cabeça dos nossos parentes da época. (Entrevista da senhora Joana Bento de Sousa Lima Guajajara, concedida no dia 15 de novembro de 2019)

Ela, continuando, destacou que conheceu duas velhinhas guajajara, por nome, *Sei Porquê* (apelido) e *Urumàna'i*. Essas duas idosas contavam a mesma coisa que “elas eram fugitivas da região de Barra do Corda, junto com seus pais”. Elas faleceram em 1969, eu na época, tinha 6 anos. A Dona *Sei Por que*, morava na aldeia Pedra e quando ainda em vida eu e outras crianças saíamos de nossa comunidade para ouvi-la contar história a noite, na beira do fogo sobre os padres. A gente pedia para ela contar o que aconteceu nesse lugar. Ela nos diz que, “as crianças eram capturadas e levadas para o convento pelos padres”. Ela, sentada sobre uma esteira feita de palha de coco babaçu começava a contar história. A respeito desse episódio, o qual lembrava com muita emoção, disse ter a época, “mais ou menos 6 a 7 anos”.

A dona *Urumàna'i* contava a mesma coisa. Elas eram menores da família, com idade que interessava os padres. Lembra ela que muitas famílias fugiam para a mata afim de não entregar filhos pequenos para esses padres. Eles se

Refugiavam em assentado de serras altas, para que pudessem enxergar os padres e seus auxiliares, montados em burros (mulas), com cordas para laçar meninos e meninas, caso corresse. Esse ponto também dificultava o acesso rápido de pessoas, devido a altura das serras. Recordam idosa, que as pessoas da família se revezavam todas as noites, para vigiar o refúgio, observando o entorno da montanha, noite e dia. (id. Ibid)

Ao ser perguntada o quê a Dona *Sei Porquê* (apelido), o que lembrava da alimentação servidas às crianças e a vida no internato, ela respondeu que,

Tem parente que conta que as freiras davam *bosta de galinha e bode*, para as crianças comer, mas não acredito que isso aconteceu, talvez era algum tipo de sobremesa e essas velhinhas nunca falaram sobre isso. Ela falava que havia muita fofoca de branco, isso ouviu falar dos seus pais, já na adolescência, diz ela que tinha branco fazendeiro que gostava dos índios, porque botava eles para trabalhar na roça, capinar pastagem e cuidar dos animais. Os padres brigava como os índios, para não trabalhar para fazendeiros e sim aprender o que eles ensinavam, como aprender fazer roupa (alfaiate), fazer sapato, marcenaria, tijolo, telha, horticultura e muitas outras coisas. Assim os fazendeiros ficavam com raiva dos padres e enchiam a cabeça dos parentes de fofoca, para expulsar os padres de sua terra. (Id. Ibid)

A dona Joana Bento, ainda destaca que além destas velhinhas, ela ouviu de outros parentes e ainda hoje ouve falar que “as crianças quando adoeciam e que não iriam resistir, eram jogadas para o alto e aparadas com aponta da faca”. Mas, segundo a mesama, “isso não existiu, foi umas das fofocas inventadas pelos colonos, comerciantes e fazendeiros e, os nossos antepassados acreditavam em tudo”. No entanto, ela sublinha que “o castigo duro existiu na verdade... a vovozinha contava isso, as crianças choravam noite e dia”, lembrava ela “que eles chamavam pela mãe e pelo pai, que era muito triste e muita dor nos pais”. Ela salientava

que os padres mentiam para os pais, pediam para os pais morar em Alto Alegre, só assim poderiam ver seus filhos e dias estabelecidos. Eram muitas ocas construídas em

volta do convento, mas nunca puderam ver seus filhos, só escutavam choros e gritos de meninos. (Id. Ibid)

A respeito das causas da revolta, a Dona Joana Bento disse o seguinte,

... eu acho que a causa da revolta dos parentes partiu disso, encabeçado (chefiado) pelo valente, cacique geral, por nome Kawyré Imàn... É isso. O que minha memória produz de algumas recordações, das histórias ouvidas dessas duas índias idosas há 49 anos.

Em 03 de maio de 2019, a Dona Maria das Graças Guajajara, idade 80 anos, residente na aldeia Barreirinha, Terra Indígena Canabrava, município de Jenipapo dos Vieras-MA, aposentada do INSS, nos concedeu uma entrevista. Começamos o trabalho perguntando o que ela recordava da guerra que aconteceu, a muito tempo atrás, em Alto Alegre, onde morreram muita gente, Tentehar, padre e outros brancos moradores nesse lugar.

Ela começou destacando que poucas pessoas, hoje, sabem disso - nossos bisavôs, meu, teu, e de outros índios da região, na época, participaram da morte dos brancos e padres, poucos covardes sumiram na mata, até mesmo antes de acontecer o ataque - assim meu avô me contou. O meu bisavô, que se chamava Morozú, era isso mesmo, poucos tinham nome de branco, a maioria dos parentes eram chamados por nomes de animais da mata, frutas e peixes. Contava meu avo, Zébio Cabral, “que ninguém estava gostando dos padres, eles não conversavam com as pessoas, talvez os parentes daquele tempo não sabiam falar português e muito menos entender”. (Entrevista da senhora Joana Bento de Sousa Lima Guajajara, concedida no dia 15 de novembro de 2019)

Ela recorda que segundo o seu avô, ninguém entrava nos ambientes reservados a eles, e que os mesmos davam resto de comidas às vezes para índios que espivavam eles comendo, pelas brechas da cerca bem fechadas. “Os tentehar para eles era como se fossem animais, os parentes trabalhavam muitos para eles, mas, pagavam direitinho ...Eles amedrontavam os índios, todo tempo, que caso mexesse com eles, com violência, iriam jogar bomba para matar todo mundo”. (Id. Ibid)

Ao ser perguntada a respeito da alimentação das crianças no internato, ela respondeu que, segundo o seu bisavô contava para o seu avô, “eles comiam arroz, feijão, macaxeira, cuscuz, fava e às vezes comidas que os índios não sabiam o que era, havia muitos legumes de horta, batata, tomate, mamão, laranja e outras frutas que traziam de outro lugar”. (Id. Ibid)

Indagou-se se existiu a história de que as freiras davam bosta de galinha para as criancinhas recém-nascidas - ela sublinhou que “era fuxico inventado pelos moradores da região para nossos parentes e eles acabaram acreditando. Esta, foi uma das mentiras que contribuiu para a revolta, pois, “o meu avô contava que os comerciantes e fazendeiros gostavam dos índios porque eram eles que trabalham nas roças e na limpeza dos pastos de gado deles”. (Id. Ibid)

Ao ser perguntada a respeito do modo como os padres levam as crianças para o internato, ela respondeu assim,

Bom! Meu avô dizia que eles, as vezes enganavam que em troca iria dar muitas coisas, roupas, munição e com a promessa de que os filhos iriam aprender tudo o que o homem branco sabe - ler, escrever, ser soldado, um coronel, alguém muito importante. Quando os tentehar perceberam que as crianças não podiam mais ser visto pelos pais, algumas famílias se afastaram das proximidades do ambiente e se embrenharam na mata, para esconder os seus filhos. Aí, eles tentaram arrancar a força com ajuda de homens que corriam atrás dos meninos e meninas com corda para laçar, amarradas eram colocadas no jaca de couro de boi. As famílias que permaneceram nas suas aldeias, os padres conseguiram controlar e as gestantes

eram conferidas (mapeadas), sabiam datas do nascimento das crianças. Quando chegava o provável dia, as freiras iam com a parteira esperar o nascimento da criança – ao nascer, enrolavam com pano, montavam no burro (mula) e levavam a criança para o convento. E daí, os pais nunca mais viam, os peitos (mamas), das mães, inchava, infeccionava e gritavam de dor; adoeciam e algumas morriam, porque não tinha remédio e nem médico. Id. Ibid).

Perguntou-se a D. Maria se era verdadeiro o argumento corrente no imaginário social local que algumas crianças morriam de doenças e que não era contado para os pais. Então eu lhe perguntei se o seu avô se recordava das mortes de crianças lá em Alto Alegre? Em resposta ela confirmou que sim sublinhando que ele falava “morria mesmo! Porque,

não tinha remédio suficiente para curar diarreia, tosse, gripe, febre e as crianças morriam e eles não contavam para os seus familiares. Para não enterrar e ser visto sepultura, jogava o corpo no poço perfurado perto de uma lagoa que lá existe e jogavam uma camada de terra para não sentir o fedor (odor). Todas as vezes que morria menino, era jogado nesse buraco e jogava também camada de terra. (Id. Ibid)

Em continuidade ao seu depoimento ela lembrava ainda que o seu avô dizia, “que os pais das crianças mortas eram enganados, para não criar revolta entre os tentehar. Toda vez que os pais pediam informação por estas crianças, diziam que estavam bem, na rede da criança que morria, colocavam uma boneca, para dar impressão que estava dormindo” (Id. Ibid)

A respeito das causas da guerra, D. Maria sublinha que o seu avô contava para os parentes daquela época, “que não foi nada fácil. Todos se espalharam pela mata para não ser mortos pela polícia, os brancos ficaram com muita raiva dos guajajara porque mataram todos os padres”. (Id. Ibid)

Em 16 de outubro de 2019, Raimundo Pereira Guajajara, idade de 79 anos, conhecido como Raimundão, residente na aldeia Ywypó, recém fundada, Terra Indígena Canabrava, município de Jenipapo dos Vieras-MA, nos concedeu uma entrevista. Tal como, aos entrevistados anteriores lhe foi perguntado o que sabia a respeito do que aconteceu a muito tempos atrás em Alto Alegre onde, hoje, se situa a aldeia Crioli.

Em resposta, disse “o que vou contar aqui, foi o que meu avô me contou e ouvi falar dos outros, até porque não tem mais ninguém vivo hoje dessa época” (Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2019). O seu avô se chamava Xakaraná. Ele foi morto por uma flechada de um parente Canela que ajudou os brancos a matar os tentehar na época. Em vista disso, ele salientou que

é por isso que nós nunca fomos com a cara dos Canelas - foram eles que amarraram Kawyré Imán, o chefe da guerra, cacique muito valente que mandou matar todos os karaiw (brancos) que moravam em Alto Alegre, inclusive dos povoados vizinhos ninguém da redondeza era para escapar. (Id. Ibid)

A partir de suas lembranças relativas ao seu avô, ele destacou que

os parentes naquele tempo, alguns ainda eram muito brabo, viviam na mata, não acostumavam freqüentar povoados de brancos. Havia grandes aldeias, mas que também, ficava longe de grandes povoados de brancos, existente na época, Grajaú, Barra do Corda, as mais próximas faladas na época, todo era difícil, isolamento total, sem estrada, a doença matou muitos parentes, doenças bobas, como gripe, diarreia, febre e picadas de cobras também causaram

muitas mortes dos índios. (Id. Ibid)

Ele ainda salienta conforme lhe contou o seu avô que

o branco não respeitava nosso território de caçada. O pessoal fazia centro de trabalho de roça no ambiente de caças e assim, pensa que não estávamos misturados ali. Não tinha FUNAI na época, e nem terra demarcada, era misturado com brancos. Logo, começava as briguinhas com brancos, sumia galinha, sumia porco e bode, o dono obstruía os acessos dos parentes. Então, a terra não tinha dono, os tentehar, sofriam muito com isso, os seus trabalhos braçais nas roças, nas fazendas não eram reconhecidos por isso. (Id. Ibid)

Ao ser perguntado a respeito de quem deu a notícia, da vinda dos padres capuchinhos para as terras dos tentehas, o senhor Raimundão, conforme dizia o seu avô, disse a notícia era repassada pelos fazendeiros quando os índios iam trabalhar para eles, dizendo

Êh! Cabocu, os pade tão pra chegar da cidade grande, para dar tudo pra vocês, eles vão ensinar os filhos de vocês, vão ser sabidos “e outros falavam, assim, “Êh! Compade... os pades vem aí para ensinar falar vocês que nem nós, vão acabar com essa gíria de vocês. Então, foi assim que nossos irmãos recebiam notícia e espalhavam nas aldeias, que, para eles não era notícia boa, porque já tinham pressentimento de que iriam ser forçados a fazer algo que eles não iriam gostar (Id. Ibid)

No decorrer da entrevista lhe foi perguntado se o seu a avo contou algo a respeito da reação dos tentehar quando os padres começaram a convencer os pais a entregar os filhos para serem levados para Barra do Corda. Em resposta, disse que

o ensinamento começou por lá funcionando por pouco tempo. Como eram muitas crianças, todos os dias tinha presença de tentehar na cidade. Eram parentes dos meninos e iam para visitar seus filhos e passava semanas acampados na beira do rio. Todas as noites batiam maracá, cantando e outros pescavam e vendiam peixe para os moradores da cidade. O dinheiro da venda do peixe comprava cachaça e se embriagavam todos os dias. Abusavam os comerciantes, faziam necessidade fisiológica nos becos das casas e na beira do rio. Por isso, os moradores reclamavam que eram nojentos, sebosos e passeavam nas ruas quase nus, protegidos somente por tangas, as mulheres com peito (seios) de fora. E com isso, as autoridades locais e comunidade, pediram para os padres construir outra escola para crianças indígenas em outro lugar, pois os parentes dos internos, estavam criando desordem na cidade. (id. Ibid)

Segundo as lembranças das memórias de seu avô, foi por isso que os capuchinhos se mudaram para Alto Alegre. Mas, o nome antigo do lugar era Crioli. Este nome voltou e, por isso, hoje se chama de aldeia Crioli. Assim, o ambiente escolar dos padres veio para mais próximos de aldeamento e com postura mais rígida obrigando as famílias a entregarem todas as crianças e inclusive as recém-nascidas. Por isso, a situação dos tentehar começou a ficar muito ruim, pois,

os parentes não ficavam mais sossegados na sua casa, sentiam muita saudade de seus filhos e proibidos de ter

contato com eles. Isso rolou por muito tempo, em volta do internato, os índios construíam pequenas ocas, aguardando permissão para ver seus filhos e os frades mentiam, dando desculpas, a fim de não autorizar o contato dos pais com as crianças. (Id. Ibid)

Ele se recorda que o seu avô lhe dizia que havia muitas mentiras dos fazendeiros e comerciantes devido ao ciúme que eles tinham dos índios com os padres. Por um lado, eles eram aconselhados, constantemente, pelos padres para não trabalharem mais para os colonos e sim, aprender fazer outras coisas útil para vida como aprender a costurar, fazer sapato, marcenaria, ser pedreiro e aprender a trabalhar com horta.

Por fim, nos disse o senhor Raimundão – Então, o que eu sei é isso...!

Dizia ainda meu avô, que as crianças era espancadas, surradas pelas freiras, porque tinham que acordar cedinho, ainda de madrugada todos os dias.....sabe, criança, só acorda cedo se agente forçar,por isso é choro e critos de meninos nos quartos onde elas dormiam. (Id. Ibid)

Ao ser lhe perguntado quem foi Caboré disse - conforme o seu avô,

ele, quando adolescente, ajudava os padres na missa, cuidava dos copos brilhosos da mesa do altar...e se vestia que nem padre também. Mas, Caboré, cresceu, e não quis ser padre. Quando ele casou,.....casou logo com duas índias e foi expulso da igreja, mais tarde depois arrumou uma mulher branca e viveu com três mulheres...porque era costume de cacique ou grande caçador ter mais de uma mulher na comunidade. (Id. Ibid)

Ele recorda que conforme a cultura tentehar “...O caboco...tinha que ser forte, barrigodo... jeito de gente sério....os magrim, mau tinha uma mulher, então, os pade vieram para acabar com isso também, dizia meu avô. Na missa, eles brigavam muito com os aparentes”. E que, Caboré,

...antes de de ser expulso da igreja levou uma surra, mandados pelos pades, e para vingar sua surra, lutou para incentivar os outros parentes a expulsar os pades de Alto Alegre...Mas, como era cacique, igual aos outros, não era ouvido. Mas ai,...ele aprendeu muita coisa na igreja com os pades....falava bem o português, se vestia muito bem e forte, arranjou uns companheiros, foi pra São Luis, levar queixa dos pades, para governador, (papai grande), viajando de canoa pelo rio. (Id. Ibid)

O rio era Grajaú, o qual desagua no Oceano, em São Luis. Segundo as lembranças de seu avô, o senhor Raimundou sublinhou que Caboré

levou mais ou menos três luas, (três meses),.....e quando voltou, trouxe um documento o assinado pelo governador do estado. E como Capitão Geral dos tentehar trouxe muitas espingardas e munição. As armas ele escondeu, não chegou a distribuir, primeiramente ele saiu mostrando o documento de Capitão Geral da tribo em todas as aldeiasse engrandeceuaté os colonos e fazendeiros passaram a respeitar esse grande caboco. – Viu que era hora de a vingança....juntou os caciques de todas aldeias da região e alguns da região de Grajaú.....mulheres e crianças era levadas para lugares mais altas (serras) da região que a vingança já estava pronta...ordem do Capitão Caboré...para não escapar ninguém. Todos os homens

de posse de sua arma e flechas esperam a hora na beira de fogueira bem grande. Quando foi de madrugada, o dia quase amanhecendo, Caboré foi vingar a surra e os pais das crianças, vingar os maus tratos de seus filhos...

Até ai sei contar!

Considerações Finais

Como se pode notar há uma tensão entre as memórias dos indígenas Tentetehar e as dos que não são indígenas. Dos ruídos da memória dos primeiros se conclui que a genealogia deste episódio qualificado como *Massacre de Alto Alegre* por jornalistas, padres e outros partidários da Igreja católica, se encontra na opressão destes últimos sobre os Tentetehar daquele início de século XX, em decorrência da permanência da lógica da cultura colonial europeia, ou seja, desagregar os povos loais e submetê-los a uma desconstrução cultural para imporem e tonar legítima a exploração dos mesmos submetendo-os ao trabalho para si.

Assim sendo, espera-se que esta reflexão contribua para novas investigações que restitua os tentetehar como protagonistas da resistência à opressão colonial levada a cabo, também pelos missionários cristãos daquela época, e assim, colabore também para a superação dos estereótipos que envolvem a população indígena tentetehar contemporânea e esta possa ser respeitada em seus direitos fundamentais que é o direito à vida em seu território desenvolvendo, também, uma relação de boa vizinhança com os não indígenas.

Referências

BOSI, Ecleia. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

CARVALHO, Maria Goretti Cavalcante de. **A MISSÃO DO MARANHÃO (1894-1922):** acontecimento, particularidades e enredamentos nos arquivos capuchinhos. Tese de Doutorado, In: Programa de Pós-graduação em História. Universidade do Vale do Rio Sinu-UNISINOS, São Leopoldo. 2017. site:<https://www.repositoriojesuitas.org.br>

CARVALHO, João Renor Ferreira de. **Ação e presença dos portugueses na costa norte do Brasil no séc. XVII (vol. 206)**. Brasília: Editora do Senado. 2010.

COELHO, Elizabete Maria Coelho. **Territórios em Confronto:** a dinâmica da disputa pela terra entre índios e brancos no Maranhão. Tese de Doutorado: Universidade Federal do Ceará. 2002.

CRUZ, Olimpio Martins da. Cauré Imana- **O cacique rebelde**, Brasília: Thesaurus. 1982.

Instituto de Pesquisa Econômica e Sociais – IPES | Estado do Maranhão. GOMES, Mercio Pereira. **O INDIO NA HISTÓRIA: O povo Tenetehara em busca de liberdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Machado. 2012, (p, 26-27): Edson Hely Silva – site: <http://cadernodoceas.ucsal.br> **POMBO**, José Francisco da Rocha. francês no Maranhão https://pt.wikipedia.org/wiki/Rocha_Pombo.

_____. Viagem na terra do Brasil-colonial. 1919. **Reportagem do Jornal “O Estado do Maranhão”** - 13 de março de 2001 terça feira/ Site – www.brasil247.com-blo.há 118 –anos-maranhão – viveu-a-tragedia.

THEVET, Francisco André, 1978.

WAGLEY, Charles Walter & GALVÃO, Eduardo Enéas Gustavo. Os índios Tenetehara (Uma cultura em transição) (Wagley & Galvão 1961). **Coleção Vida Brasileira** **Rio de Janeiro:** Ministério da Educação e Cultura.